MORADIA, TRABALHO E CONVIVÊNCIA: A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO URBANO SANTISTA PELOS PORTUGUESES NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

MARIA APPARECIDA PEREIRA
MARIA SUZEL FRUTUOSO

INTRODUÇÃO

Pretende-se recuperar aspectos da dimensão do cotidiano, na vivência dos habitantes da cidade, conhecendo suas condições de moradias e suas oportunidades de sociabilidade.

Para percorrermos a cidade e observar a vida dessa gente, foram importantes os Códigos de Posturas de diversos anos, partindo do de 1857, Requerimento de licenças para abrir comércio, Relatórios dos Intendentes Municipais, os Relatórios de Guilherme Álvaro – sobre a Campanha Sanitária de Santos –,documentação da Sociedade de Beneficência Portuguesa, além de notícias no jornal Diário de Santos e Cidade de Santos e informações obtidas nos estudos de Jaime Franco e de Rosemberg [1].

Lugar de muitas epidemias e consequentemente, também, de muitas mortes, Santos, entretanto, no século XIX constituía-se como porto comercial, escoadouro da região paulista, produtora, à época, do açúcar e depois do café – grande riqueza brasileira. Território de dificuldades, de enfrentamentos, mas também de oportunidades.

Santos era vocacionada para o comércio pelo seu porto e sua ligação com a "serra acima". Luiz D´Alincourt, engenheiro português de Oeiras, fez viagem ao Brasil em 1818. Em sua "Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá", diz sobre Santos:

1 FRANCO, 1951; ROSEMBERG, 2006.

É esta Vila o entreposto de todos os objetos de exportação e importação da Província de Goyaz e Mato Grosso; ou conduzidos por terra ou pelos rios para saírem à barra são açúcar, algodão, tecidos do mesmo. Toucinhos*, aguardentes, café, courama, fumo e carnes chamadas ensacadas; estes gêneros são transportados em Sumacas a outras Províncias com especialidade às do Rio de Janeiro e Bahia. Os Estrangeiros levam daqui açúcar, algodão, café, courama. Os principais efeitos da importação vêm a ser o ferro, o aço, o sal, as fazendas secas e vinhos e, além destes em maior ou menor quantidade todos os que a Europa produz e costuma ser exportados para o Brasil: daqui sobem a abastecer São Paulo e as mais povoações da Província [...]. É de lastimar-se que sendo essa Vila uma das mais antigas do Brasil, colocada tão vantajosamente para o comércio com excelente porto, em uma das mais povoadas e melhores Províncias do Brasil, esteja ainda tão pouco adiantada* [2].

Temos que ter presente que o início da recuperação da Capitania de São Paulo se dá na segunda metade do século XVII, com um regional ciclo da cana, que vai preparar, com a riqueza de sua produção e comércio, a infra-estruturara para o grande desenvolvimento do café.

É durante o século XIX que o porto de Santos atrairá imigrantes portugueses que vão fazer ou aumentar sua fortuna. Na cidade de Santos, o grupo majoritário foi o lusitano (caixeiros, negociantes) desde a Independência (1822), principalmente no comércio de importação ou de distribuição do açúcar e do sal – dentro do país ou para as regiões platinas –, que vão marcar a tradição de Santos como pólo importante de comércio no Valongo: o bairro do Valongo, uma região muito importante no século XIX, era próximo à entrada de Santos, dos caminhos que das tropas de homens que iam ou vinham do planalto paulista [3].

Sobre um braço de ligação entre a extremidade superior da Baía de Santos e o mar aberto em São Vicente, aa oeste da barra de Santos propriamente dita, há uma linda ponte de madeira sobre bem fundados pilares de pedra, um dos melhores trabalhos, no gênero, que vi no Brasil. Algumas horas depois encontramos o Cubatão, que desce da serra, com uma sólida ponte de madeira, coberta, onde

2 ALINCOURT, 1953: 29.

3 Desde a época do ciclo açucareiro paulista, para facilitar a sua exportação foi implantada, em 1792, pelo Morgado de Mateus a "Calçado do Lorena", estrada pavimentada.

cada burro paga uma taxa equivalente a quatro "groschen" de prata, o que, num ano, perfaz uma soma importante. Em conseqüência do vivo tráfego, formou-se junto da ponte um lugarejo, que, por enquanto, parece muito insignificante[4].

No período do grande desenvolvimento cafeeiro (a partir da metade do século XIX), principalmente com a inauguração da Estrada de Ferro São Paulo – Railway (1867), o bairro tomou impulso. Era o local de importantes firmas e residência de grandes comerciantes, nessa época, portugueses. Tinha já um pequeno cais de pedra, que serviu inclusive porto de atracação de embarcações, trazendo os equipamentos para a ferrovia inglesa. Inúmeras ruas formam o bairro. A mais importante era a Rua Santo Antonio (hoje Rua do Comércio) que começa na Praça Rui Barbosa (antigo Largo do Rosário) e vai até o Largo Monte Alegre, junto à Igreja Santo Antônio do Valongo e à estação ferroviária.

A localização das casas comerciais era mais evidente, nas antigas vias Santo Antônio, 25 de Março (Rua Direita ou Rua XV de Novembro) na região do Valongo e paralelas ao cais ainda rudimentar (a maior parte de pontes de madeira até 1892).

Em 1837 há na cidade negócios de açúcar (18); armazéns de sal (13); molhados e vinho (2); ferragem (1); cabos (1); vendas (44); açougues (4); botequim (3); mascate (1). Localizavam-se na Rua Direita (20); na S. Antonio (13); na dos Quartéis (9); na do Rosário (7); na Praia (6) e na do Sal (3):

QUADRO N.º 1
Negócios pelas ruas do Valongo (1837)

S. Antonio	N	Direita	N	Campo	N	Praia	N	Quartéis	N	Meridional	N
Açúcar	6	Armazém	4	Venda	5	Açúcar	4	Venda	8	Venda	6
Armazém	4	Loja	3	Botequim	3	Sal	3	–	–	Açúcar	1
Venda	2	Vinhos	1	Açougue	2	Açúcar	1	–	–	Armazém	1
Sal	1	Açúcar	1	Armazém	2	Cabos	1	–	–	–	–
–	–	Sal	1	Sal	2	–	–	–	–	–	–

Fonte: CARMO, 2010: 76.

4 LALLEMANT,1980.

Elencamos alguns negociantes, em que aparecem lusos, nomes retirados de requerimentos dos pedidos de Licença de Indústria e Profissões da Câmara Municipal de Santos do ano de 1846 (são documentos avulsos, aqui de pedido de continuação dos negócios). Todos eles situados na região que ladeia a orla ou praia portuária.

O negociante português Manoel Joaquim Ferreira Netto tem uma loja de fazendas e armazéns de sal, na rua Direita, na travessa da Alfândega (req. 23/I/1846). Um outro documento com a mesma data: "Dizem Ferr.a. Netto e C. que querem continuar com sua loja de ferragens na esquina da Banca". Manuel Joaquim Ferreira Netto (Porto, 1808) foi importante negociante Provavelmente emigrou em 1855 para o Brasil, com negócios no Rio de Janeiro [5].Começou a comprar armazéns de sal desde 1860.

Manoel Lourenço da Rocha tem armazém de secos e molhados na Rua Meridional; quer vender "todos os gêneros do País e de mar afora. Tendo para cujo fim balanças, pezos e medidas" (req. 12/6/1846).

Antonio Ribeiro [...?], cidadão português, com casa de molhados na Rua da Praia (26/I/1846). Em outro requerimento (28/I/1846), solicita renovação da licença para suas duas Casas de Molhados na rua do Campo e dois Armazéns de Sal, sendo um na Rua do Campo e um defronte da Praia.

Barnabé Francisco Vaz Carvalhaes tem armazém de açúcar na Rua Áurea e de sal, na Rua da Graça (req. 14/I/1846). Era proprietário da Ilha de Barnabé, nas proximidades da entrada da cidade. Antes de se retirar para o Rio de Janeiro, ao final do século, deixou um legado para a construção de uma escola pública [6].

Antonio Ferreira da Silva tem sete armazéns: 1) um de açúcar, na Rua Direita; 2) um de molhados, na mesma rua; 3) 2 na rua do Depósito; 4) um de sal,na Banca; 5) 1 de sal, na rua do Campo; 6) um de molhados, na Rua do Rosário (req. despachado em 24/I/1846).

5 *Filho de José Ferreira Netto Leão de Rosendo e de Maria Joaquina Rodrigues Camelo. Casou-se com Thereza Luiza Centeno Netto, não deixou filhos. Recebeu o título de Comendador da Ordem da Rosa, honraria concedida por D.Pedro II a destacados negociantes. Na relação de bens de seu inventário constava: "...1000 ações do Banco do Brasil, 200 ações do Banco Mauá Mc Gregor & Cia., 300 ações da Cia Amazonas, 20 ações da Cia. União e Indústria, 64 ações da Cia. Feliz Lembrança, 1 ação do Cassino, metade do Vapor Paulista, Casa da Rua Santo Antônio, Casa do Porto do Bispo, Chácara no Morro da Misericórdia, Sítio Cabuçú, 5 armazéns na rua do Sal n.º 9, 11, 13, 17 e 19, Casa de Sobrado à Rua Santo Antônio n.º 41, Casa do Jundiaí, Casas e Armazéns de Campinas em Santa Cruz, e Casa do Páteo da Matriz em Campinas".* Ver *Relatório. Algumas notas acerca da Casa de Frontaria Azulejada, situada à Rua do Comércio n.º92/98*, Santos, GEPAS (Grupo de Estudos do Patrimônio Histórico Santista).

6 A escola, que tem seu nome "Barnabé", foi fundada em 1900 e inaugurada em julho de 1902.

José Teixeira da Silva Braga é proprietário de armazém de secos e molhados, depósito e escritório e armazém de sal, todos à Rua Direita (req. 14/6/1846).

Outros tipos menores de negócios podem ser dados como exemplos: Antonio Bento de Amorim Filho tem taverna na Rua dos Quartéis. A "Flor da Primavera", situada à r. Gal. Câmara 59, anunciava como especialidade sua a venda de "Camizas Portuguezas" ("Cidade de Santos" em 4/3/1900, p.1).

Mulheres também dirigiam negócios: D. Anna Joaquim Apolinário da Silveira Monte tem loja de ferragens (req. 10/I/1846).

Em 1870, o alto comércio é composto de casas m geral (12); exportadores e importadores (27); armazéns de sal (27). Há outras casas comerciais, mais numerosas, entre outras: de fazendas (15); armazéns a varejo (32); tabernas (58). Já estão presentes grandes companhias de navegação.

Além de corredor de exportação e importação, o porto santista tornou-se porta de entrada daqueles que buscavam trabalho nas diversas zonas produtoras de São Paulo. Imigrantes de várias nacionalidades européias desciam dos navios e iam para a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, posto de distribuição da mão-de-obra. Italianos, portugueses e espanhóis foram os mais numerosos.

No final do século XIX, as autoridades locais pensaram em construir um edifício, que se localizaria na região do Itapema, no outro lado da margem portuária, mais isolada, para abrigar os imigrantes que se dirigiam para São Paulo e que por vários motivos não embarcavam, quando os navios atracavam, o que ficou cada vez mais distante, quando o porto foi ligado diretamente à via férrea, em 1893 e iam diretamente para a Hospedaria dos Imigrantes na capital paulista. Quando havia o desencontro do horário da partida ou doença, eram os imigrantes conduzidos para o Rink, um grande galpão que servia para os grandes espetáculos de teatro ou circenses, localizado na região do Valongo.

Os portugueses, quando chegavam a Santos, de modo geral tinham seus contatos (parentes, amigos), garantidos pelas "cartas de chamada". Grandes levas permaneciam na cidade. Vão aumentando em número, formando redes de contato entre Portugal e a cidade. Joaquim da Costa Leite observa que o período de 1855 a 1914 é considerado uma era migratória, caracterizada por liberdade de movimento, progresso nas condições de transporte e informação, troca de experiências e de contatos entre elementos de gerações diversas [7].

7 LEITE, 2000: 180-181.

O crescimento das cidades, inchadas com o aumento da população imigrante e migrante, provoca uma falta de moradias e alta de aluguéis. A demanda por moradias e o adensamento do centro da cidade ocorrem, porque a crescente mão-de-obra imigrante e nacional que chega a Santos não encontra casas em número suficiente para residência e quando disponíveis os aluguéis são caros, impedindo que os mais pobres pudessem pagar.

Rosemberg cita que na década de 1880, *por uma casa módica no centro da cidade pagava-se de 25 a 50 mil réis. Já o aluguel de um quarto em um cortiço podia custar de 6.000 a 15.000 réis, enquanto uma diária no Hotel Madrid chegava a 8.000 réis*[8].

Os imigrantes pobres enfrentavam uma vida muito sofrida, nas habitações, pretendendo juntar economias. Mudavam de emprego, buscando melhorias. Um relatório de um inspetor sanitário observa o seguinte:

> [...] a maior parte dessa gente considera Santos uma cidade acampamento, uma cidade que eles devem estar sempre de pé no estribo, e por isso, sujeitando-se a todas as agruras e oscilações da sorte, só esperam reunir um pequeno pecúlio que lhes garanta a subsistência em outra parte[9].

Imigrantes portugueses pobres (trabalhadores, biscateiros, jornaleiros) e imigrantes portugueses ricos e remediados, com profissões qualificadas (caixeiros e negociantes, por exemplo), ocupavam o mesmo espaço central, até quase o final do século XIX. Em algumas ruas o número de trabalhadores era maior do que em outras. Isso fica claro nos registros de sócios da Beneficência ou no do hospital do Isolamento do Saboó.

Havia os "Casarões dos ricos", em que funcionavam muitas vezes no primeiro pavimento, a firma comercial e, no segundo a residência da família. Destes temos o exemplo da Casa Azulejada, do comerciante português Manoel Joaquim Ferreira Neto, local de sua moradia e da sua firma comercial Ferreira Neto e Cia., na Rua Santo António, por onde trafegavam diariamente inúmeras carroças com mercadorias para o porto.

8 ROSEMBERG, 2006: 257.

9 Relatório da Comissão do Serviço Sanitário em Santos, 1895. Ver GAMBETTA, 1988: 192.

Ferreira Netto era conceituado comerciante português que ofertara terrenos para construir o Hospital da Sociedade Beneficência Portuguesa, no local Bixiguentos, no Paquetá, perto da praia portuária e do Cemitério do Paquetá.

FIGURA N.º 1
Casa Azulejada da Rua do Comércio de Ferreira Netto

Uma das mais significativas obras arquitetônicas de Santos, a Casa da Frontaria Azulejada, de Ferreira Netto foi construída em 1865: dois pavimentos, fachada de influência neoclássica, azulejos em alto-relevo importados de Portugal. A construção tinha ao fundo abertura para o porto, na rua do Sá (hoje José Ricardo). Francisco Carballa, estudioso da vida de Ferreira Netto, diz que essa face para a praia (porto) facilitava o comércio e permitia a ancoragem do navio "Santista", propriedade de Ferreira Netto, encomendada aos estaleiros da cidade do Porto [10].

10 *Revista Comercial,* edições de 30/3/1865, p. 2; e de 10/6/1865, p.3.

FIGURA N.º 2
Casarões do Largo de Monte Alegre – Santos (Novo Milênio)

O conjunto de dois grandes casarões geminados de três andares (hoje sendo restaurados para abrigar o Museu Pelé) – no Porto do Bispo, Largo de Monte Alegre, em frente à Estação da São Paulo-Railway e à Igreja de Santo Antônio do Valongo –, foi mandado construir pelo Comendador Manoel Joaquim Ferreira Netto. Os sobrados formam dois blocos: o primeiro (ao do lado do porto, Rua da Praia) é datado de 1867; o segundo, na esquina com a antiga Rua Santo Antonio, ficou pronto cinco anos mais tarde (1872), sendo concluído por Luiz Guimarães, sócio da Ferreira Netto & Cia., pois o Comendador falecera repentinamente em abril de 1868.

Os dois grandes sobrados foram utilizados como residência e armazéns, escritórios e para as mais diversas finalidades: de 1873 a 1877, o local sediou, em salas alugadas, o Clube XV, fundado em junho de 1869, tradicional agremiação elitista da cidade. A partir de 1896 até 1939, foi sede da Câmara e da Prefeitura de Santos.

Airam Joaquim de Sousa Martins, um dos principais portugueses da cidade, do grupo dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Beneficência, em 1859, morava na rua Direita n. 20. Manuel Alves Ferreira da Silva, primeiro presidente da S. P. Beneficência, residia na rua da Cadeia (r. Itororó), em setembro de 1859 [11].

11 FRANCO, 1951: 71, 75.

Noutro trecho da Rua da Praia (hoje Tuiuty), também ficava o casarão do negociante Comendador Barnabé Francisco Vaz de Carvalhais, apenas para citar alguns.

Além das residências mais requintadas na disputa dos espaços centrais encontramos os imigrantes trabalhadores mais pobres e a existência, lado a lado, de casas comerciais, residências de uma única família e nas mesmas ruas, hotéis, hospedarias, pensões, casas de cômodos e cortiços.

> Os cortiços, construídos às pressas, para albergar a numerosa imigração chegada em busca de trabalho remunerado e certo, pontuavam as zonas mais centrais da cidade, surgindo nos páteos e nos quintais dos prédios, de qualquer forma, de qualquer tamanho, compostos de cubículos desasseados e acanhados, feitos de tábuas de caixote e de folhas de zinco. Em tais compartimentos úmidos, escuros, baixos e sem ar, aninhava-se uma população descuidada, vivendo quase sem água em condições indescritíveis de desconforto" [12].

Essas construções estavam localizadas em torno das ruas Marquez de Herval Amador Bueno, Rosário, General Câmara, Largo da Coroação (Pça. Mauá), São Francisco, Brás Cubas, Bittencourt, entre outras.

Mais afastados do perímetro urbano, no sopé e encostas de morros e em locais pantanosos, havia o chalé de madeira e zinco, casebres toscos, "quartinhos de madeira" ligados uns aos outros.

Em 17 de junho de 1898, o jornal Tribuna do Povo, de Santos, noticiava 186 pessoas em cortiço no centro da cidade [13].

A denominação cortiço era atribuída a uma grande variedade de habitações coletivas. A residência daqueles que não eram ricos, considerada moradia popular, incluindo os cortiços, estava restrita a:

Casa de cômodos e cortiços, "casinhas", nos fundos de firmas comerciais e quintais de casas de famílias pobres, como um meio de ganho.

_ Havia os hotéis, hospedarias, pensões, que abrigavam inclusive famílias. O "hotel-cortiço", onde a população proletária se colocava à noite para dormir em aposentos individuais ou em dormitórios comuns. Local procurado pelos recém chegados como acomodação temporária. Rosemberg dá o preço desse tipo de

12 ÁLVARO, 1919: 38.

13 GAMBETTA, 1988: 197.

alojamento no Hotel Madrid: um dia de pensão – 8 mil réis (sem refeições ou banhos) [14]. No Grande Hotel, "'que oferece todo o conforto desejável e por preços muito commodos': 5.000 réis/dia ou 50.000 réis/mês. Almoço – 1.500 réis, jantar – 2.000 réis; chá. 1.000 réis; *cama por pernoite – 2.000 réis (*grifo nosso)". Frequentes em Santos, os alojamentos do mesmo tipo existiam em residências onde muitas famílias pobres sub-alugavam espaços vazios para pernoites.

_Vagas em estabelecimentos comerciais – porões e sótãos divididos em quartinhos, sem luz e sem ventilação adequada. Empregados e caixeiros que moravam nos locais de trabalho; por ex. Antonio Ferreira Valongueiro, caixeiro da casa comercial de Pereira Lobato de Belmanço que em fevereiro de 1881, tinha como salário 50.000 réis mensais [15].

_ As cocheiras eram estabelecimentos muito difundidos em Santos, por causa do grande trânsito dos bondes puxados a muar e das centenas de carroças, que transportavam o café. Acrescidos à sua função, foram utilizados como alojamento para os cocheiros ou como cortiços de aluguel:

> Em alguma cocheira fui encontrar de um lado as baias e do outro um correr de casinhas de madeira servindo de cortiços, não sabendo dizer-vos onde as condições higiênicas eram piores, se nas baias ou se nos cortiços, tal era a imundice que em ambos observei. Não contente com esta exploração torpe, os proprietários de tais estabelecimentos chegaram a fazer quartos de madeira sobre as baias, alugando por preços exorbitantes [16].

Outra descrição é elucidativa: "Um tipo semelhante a este eram os 'cortiços-improvisados', cômodos ou barracos construídos no fundo de vendas e depósitos, alugados para famílias" [17].

Existiam, ainda, os cortiços, antigos sobrados com subdivisões dos cômodos com paredes de madeira, numerosos em Santos, pois muitas famílias abandonaram suas casas, com as epidemias do final do século, deixando-as sob a responsabilidade de terceiros, que os sub-alugavam. Os proprietários conseguiam uma boa renda, um negócio de boa rentabilidade.

14 ROSEMBERG, 2006: 257.

15 ROSEMBERG, 2006: 70-72.

16 Relatório da Comissão Sanitária em Santos, 1895. Ver GAMBETA, 1988: 64.

17 Relatório da Comissão Sanitária em Santos, 1895. Ver GAMBETA, 1988: 193.

Assim é que, os armazéns simplesmente cimentados e sem forro, o espaço entre o forro e o telhado, os vãos de escadas, os porões subterrâneos, enfim, qualquer espaço onde se possa colocar uma pequena cama ou esteira, tudo serve de moradia ou dormitório aos pobres jornaleiros com suas mulheres e filhos, quase sempre depauperados por outras privações ainda mais dolorosas. [...]" [18].

FIGURA N.º 3
CONSTRUÇÕES E REALINHAMENTOS DAS RUAS – RUA DIREITA (NOVO Milênio)

Entre os proprietários de cortiços – 700 em 1893 – encontram-se comerciantes conhecidos na cidade, como o alemão Fürer, o grande proprietário de terras Fontana, a Cia. de Curtume Vila Nova, a Cia. Industrial, o Banco de Santos e até o Barão de Paranapiacaba.

A Câmara Municipal via a necessidade de habitações e tentava normatizá-las em 1883, no Código de Posturas: "A edificação de casas denominadas – cortiços – só será permitida, satisfazendo-se as condições do plano de edificações" (art. 7º).

O Código de Posturas de 1897, no art. 92, mais uma vez, indica os cortiços:

> São casas ou habitações collectivas todas aquellas que abrigarem sob a mesma cobertura ou dentro da mesma propriedade, terreno etc individuos de famílias diversas constituindo unidades sociaes

18 Relatório da Comissão Sanitária em Santos, 1895. Ver GAMBETA, 1988: 194-195.

> independentes, taes como: hoteis, hospedarias, casas de pensão, villas operárias, estalagens, azylos, collegios, lycens, hospitaes, casas de saude etc.

Art. 93.º – Em taes construcções deverão ser observadas todas as prescripções estabelecidas para as habitações, principalmente no que respeita à ventilação, illuminação e capacidade [19] das diversas peças do edificio, assim como a sua distribuição interior nos differentes aposentos ou divisões, além de outras disposições gerais.

Os documentos oficiais da Intendência e das autoridades que lidam com o desenvolvimento da cidade, todos eles apontam as más condições de moradia e salubridade em que vivia parte da população na região central e os casos de epidemias. À medida que vai se aproximando o fim do século (1896-1898), com as ações da Comissão Sanitária, a ação do governo sobre as moradias inadequadas vai em direção das demolições. São inúmeras: demolição nos cortiços, nas ruas Marquez de Herval, S. Bento, Xavier da Silva, Gal.Câmara, Rosário, Amador Bueno, Martim Afonso, Xavier da Silveira, encostas e trazeiras da Santa casa e quilombo do Jabaquara, Morro do Fontana, em 1896 (FRANCO, 1951 p.199).

O Código de Postura de 1897, no seu art. 212, faz uma verdadeira radiografia da situação dos cortiços insalubres: "Considerar-se-ão insalubres as habitações:

> 1) Quando o sólo sobre o qual estiverem edificados fôr humido ou alagadiço;
> 2) Quando todos os compartimentos, e especialmente os dormitorios, não forem convenientemente arejados e illuminados;
> 3) Quando não for abastecida de agua sufficiente para todos os mysteres;
> 4) Quando as latrinas e exgottos não forem sufficientes ou não puderem ser lavados com água abundante;
> 5) Quando os encanamentos das installações hygienicas não forem separados da canalisação geral de exgottos por interceptores hydraulicos e convenientemente assentes;
> 6) Quando houver falta de asseio no interior e em suas dependencias;

19

> 7) Quando nos pateos e quintaes houver accumulo de lixo e de immundicies, existirem cisternas ou fóssas;
> 8) Quando houver pouco cuidado na conservação das latrinas e exgottos;
> 9) Quando o numero de individuos domiciliados fôr superior á capacidade do predio, determinada por cubação;
> 10) Quando os porões forem habitados, servirem para deposito de corpos susceptiveis de decomposição ou quando conviverem promiscuamente na habitação homem e animaes.".

No art. 214.º observa que "Nenhum predio declarado interdicto poderá ser utilisado, pelo proprietario ou por inquilino, para moradia ou para outro qualquer myster"; [...]

Os últimos dois Códigos (1893 e 1898) trazem orientações detalhadas, minuciosas, sobre as construções, indicando que a cidade ampliava seus limites tradicionais e se modernizava, à medida em que superava as também as dificuldades do sanitarismo. Entretanto o ano limite dessa modernização só se dará a partir de 1909. Nas últimas décadas do súculo XIX, a cidade ampliava os seus limites pelos bairros operários da Vila Mathias e do Macuco, encontrando a população mais pobre melhores condições de vida.

Às muitas dificuldades com as moradias, acrescentem-se oportunidades, nem sempre possíveis de ser vivenciadas, de divertimentos, embora os locais de sociabilidade são numerosos nesta segunda metade do século XIX.

As oportunidades de Encontro na segunda metade do século XIX eram limitadas às possibilidades do território e dos meios de transportes. À medida que a urbanização se desenvolvia com as novas construções, aberturas de ruas e formação de novos bairros, ampliam-se os lugares de sociabilidade.

Nas ruas centrais do Centro de Santos convivem tanto os negociantes ligados ao comércio quanto os de extração mais pobre, os trabalhadores, os escravos e os libertos; "os numerosos cortiços repartiam calçadas com hotéis, prostíbulos, igrejas, edificações oficiais, outras residências remediadas e algumas infrequentes mansões janotas. Debruçada sobre o porto, a região central da cidade se apinhava de armazéns, casas de pasto e outros negócios vinculados ou subordinados ao comércio do café" [20]. O memorialista Vitorino, quando criança lembra desse

20 ROSEMBERG, 2006: 59.

centro fervilhante do comércio portuário santista (agitação também notada por Julio Ribeiro em sua obra "A carne"): "O que mais me divertia era o desfilar da imigração portuguesa como um formigueiro em direção à estrada de ferro [...]. Eu achava graça nos chapéus de 'aparar água',nas calças de veludo, e nas jaquetas curtinhas, de fazenda preta, debruadas com um *vivo* verde claro" [21].

Essa região propiciava lugares de encontro e de conflitos numa cidade que reunia populações diversificadas e numa época de encruzilhada e de novas oportunidades. Portugueses, espanhóis e italianos traziam elementos de sua cultura para uma cidade portuária, onde circulavam também, além dos natos, populações vindas de outros locais do litoral, do interior paulista e de outros rincões do país. Grandes levas de escravos oriundos das fazendas foram acoitados nos Quilombos Pai Felipe e Jabaquara. A análise dos processos policiais pesquisados por André Rosemberg revelam esse mundo [22]. Num roubo de 26 sacas de café ocorrido em maio de 1890 contra a firma Bastos & Irmão participaram, no processo, entre acusados e testemunhas, dois escravos; um baiano; um natural de Santos; três portugueses (dois eram testemunhas).

Na pequena Santos do século XIX, primeiramente porto exportação do açúcar e de importação e depois "o porto do café" (sobretudo a partir de 1870), a população portuguesa, em 1872, compunha-se de 931 lusos. Em 1891, já era bem mais numerosa. Viviam na cidade 23.055 portugueses (14.986 homens e 8.069 mulheres) [23].

As relações dos portugueses, nem sempre cordiais, davam-se entre familiares; em casas de amigos; nos locais de serviço, na rua, nas associações.

Como exemplo, a roda de amigos mostra uma relação conflituosa, iniciada no ambiente de trabalho: no dia 29 de outubro de 1887. O luso Joaquim Barbosa Teixeira, analfabeto, mais ou menos às 20 horas, estava conversando tranquilamente e divertindo-se em casa de Antônio Gomes, à rua São Leopoldo, em companhia deste e de Avelino Ferreira de Andrade e Manoel Joaquim da Silva, quando surge de repente Albino Silva Guimarães, português, morador à rua da Penha, injuriando-o com termos de baixo calão, duvidando de sua honestidade [24]. Ao mesmo que se vê, de um lado, o conflito, observa-se a camaradagem, de outro.

As instituições de apoio solidário ou de agregação dos imigrantes portugueses vão surgindo: a Sociedade Portuguesa de Beneficência desde 1859; e seu hospital,

21 VITORINO,1904: 24.
22 ROSEMBERG, 2006.
23 ALVARO, 1919: 13.
24 ROSEMBERG, 2006: 265.

que vai ser o grande arrimo da comunidade (inaugurado em 6 de janeiro de 1878). A Sociedade Portuguesa de Beneficência englobava sócios ricos e pobres. Em determinados momentos havia embates violentos entre os que queriam preservar a autonomia da instituição e portanto torná-la mais seletiva e os que achavam que a sua tônica deveria ser o atendimento aos pobres.

Mais para o fim do século XIX, precisamente em dezembro de 1896 organiza-se o Real Centro Português, cujos objetivos, entre outros fortalecer os laços de sociabilidade entre os lusos, isto é, desenvolver o convívio de camaradagem; trocar impressões; reviver as tradições da pátria e da família e promover festividades. A sua primeira produção cênica foi apresentada em dois de maio de 1899 [25].

Em Santos desenvolviam-se o trabalho e o lazer nas ruas e nas praças, logradouros públicos, onde se realizavam os grandes festejos populares, circulavam as pessoas em seus afazeres. Era também o local, nas três últimas décadas do século XIX, onde se acirravam os ânimos e aconteciam atos de criminalidade, completados por rixas das habitações coletivas [26]. Mistura de elementos que vão compondo uma nova cidade, através de acertos, de limitações, de lutas de sobrevivência, de modernidades.

O café traz a riqueza, as disponibilidades de trabalho, o aumento da circulação das pessoas e dos carros, principalmente carroças, nas ruas e praças. À medida que os Códigos de Posturas aparecem, percebem-se quais as questões que a cidade está enfrentando. Em 1883, normatizando o trânsito principalmente de carroças (art. 53.º): ”Em caso de crusamento de dous ou mais vehiculos de carga, se darão os conductores a direita mutuamente, a fim de evitar-se encontros”. Tal era o movimento desses veículos, que Santos era denominada “cidade das carroças”.

As oportunidades de lazer e diversão que a cidade oferecia estavam alinhadas conforme as posses da população, o que é óbvio numa sociedade burguesa.

A questão que se coloca é que muitas das distrações culturais estão mais voltadas para aqueles que têm mais posses, principalmente as ligadas aos teatros. Ramalho Ortigão, jornalista e escritor português, em sua obra “As farpas” (1944), escritos do final do século XIX, fala da necessidade de recreios mais populares, de teatros de feira em Portugal. Lamentava, em escritos do final do século XIX, que os portugueses pobres não tinham diversões públicas, que eram instituídas para a burguesia: “De sorte que, como recreio popular, temos apenas as feiras”,

25 PAUL, 1956: 18-22.

26 ROSEMBERG, 2006: 59.

em situação muito triste de proposta; é necessário a construção de lugares de instrução e diversão adaptadas também para o povo [27].

É interessante o depoimento em setembro de 1885 de um brasileiro empregado no comércio: "[...] ganha 30 mil réis, uza trajes modestos e compatíveis com sua posição, não é sócio do Clube XV, não tem assignaturas nos theatros, não freqüenta bailes [...]" [28].

Ou a observação de Vitorino que os passeios no Guarujá, no José Menino, no Recreio Miramar, na Barra, eram só "para quem pode": "As praias, os lugares pitorescos para convescotes, distanciavam-se muito da cidade, e, por falta de transporte e estradas, avenidas e ruas, não permitiam a frequência assídua" [29].

Na primeira metade do século XIX a vida era muito simples, numa cidade em que durante algum tempo existiu o toque de recolher para a hora de se lançarem os dejectos das casas. Jaime Franco diz que como não havia diversões públicas nem teatro (só em 1859 sic), "os abastados buscavam os bairros e as praias onde surgiram chácaras e vivendas pitorescas, rumando pelo Caminho Novo da Barra". E informa que as primeiras grandes festas surgiram com a inauguração do Chafariz no Largo da Coroação (antigo Campo da Misericórdia), em 18 de fevereiro de 1846, para receber a visita do imperador D.Pedro II e sua esposa d. Teresa Cristina. Somente nesse evento, é que "se realizaram festas ruidosas" [30].

Quando as linhas de bonde puxadas a burro em 1872 foram levadas em direção ao Boqueirão da Barra (o Caminho Velho e depois o Caminho Novo) e ao Gonzaga com a abertura da avenida D. Ana Costa, aumentaram os passeios a essas duas regiões. Com a inauguração de nova linha da Companhia de Melhoramentos da Cidade de Santos, em 1887, para o Boqueirão pela av. Cons. Nébias (o caminho novo), a Sociedade de Beneficência Portuguesa organizou ali um pequeno festejo, com a apresentação da banda da Sociedade Musical União dos Artistas [31]. O Ponto do Gonzaga na praia, igualmente longínquo como o Boqueirão, era muito estimado para convescotes ou passeios e o seu acesso também foi facilitado com as linhas de bonde, ainda puxadas a burro.

Miguel Francisco Ferreira anunciava no *Diário de Santos* [32]:

27 ORTIGÃO, 1944: 256.
28 Cit. em ROSEMBERG, 2006: 75.
29 FRANCO, 1941: 136.
30 FRANCO, 1941: 68.
31 FRANCO, 1941: 160.
32 *Diário de Santos*, de 4/5/1897, p. 3.

ATTENÇÃO RASIADA!
Lembrai do tempo do Ferreira que distraia vossa melancolia no Boqueirão da Barra.

HOJE Domingo HOJE
Estacionará a muito afamada BANDA DE MÚSICA ITALIANA, Locando os mais agradáveis sons de suas musas que muito agradarão ao respeitavel publico. Espero rasiada Santista que desfrutem um tão agradável passeio no Boqueirão da Barra. Partirão no Bond das 3 e não vos engane o antigo Boqueirão da Barra.

Os restaurantes e os hotéis com sua habitual diversão, o bilhar, eram procurados, conforme o *status*. Em 1/1/1900, o Restaurante Bilhar Bragança, localizado à rua Gal. Câmara, 144, de Campos & Rodrigues, anunciava o *menu:* "magníficos petiscos à portugueza. Especialidade em vinhos de mesa, bebidas finas, champagne etc. etc. Havia sala para família e terraço com mesas para o verão. O Restaurante e suas mesas de bilhar funcionariam até 1 hora da manhã"[33].

O bilhar era uma diversão muito presente entre os habitantes de Santos, inclusive podendo ser encontrado em certas residências, como as que ofereciam pensão para algum trabalhador.

Já os hotéis Madri e Oriental e outros mais populares eram locais de prostituição, sendo comum o bilhar e o consumo de bebidas, alcançando exagero. O Hotel América, de propriedade de Seneliano de Araújo, em 25 de setembro de 1884, foi palco de quebra quebra de quatro homens, o que ocasionou a presença da autoridade policial. Com frequência havia lá "barulhos". Em 1881, seu dono era o português Manoel Pereira Alves Bastos de 41 anos. O Hotel Bilhar Santista tinha como proprietários dois jovens estrangeiros: um austríaco (Bernardo Nerba) e um italiano (Carmim Parente) e em 15 de março de 1881 um bêbado promovia ali grande desordem, portando uma navalha e um revólver[34].

A questão da prostituição estava presente nessa sociedade, pois havia muitos homens solteiros, viajantes e marítimos. Na legislação, entretanto, a sua figura só aparece em 1897 (art. 177: "As meretrizes que por palavras ou gestos offenderem a moralidade publica ou que se apresentarem nas ruas, praças ou outros logares

33 *Diário de Santos*, de 4/5/1897, p. 3.
34 ROSEMBERG, 2006: 259, 260 e 263.

publicos sem a necessaria decencia, serão multadas [...] e detidas[...]".

Os caixeiros ou pessoas ligadas ao Comércio da cidade tinham, desde 1883, o Gabinete de Leitura Luso Brasileiro, da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio (fundada em 1879) com a orientação e a participação do português Raimundo Gonçalves Corvelo. Era procurado principalmente para leitura de jornais.

Um dos lugares mais frequentados pelo povo era o Monte Serrate, em festejos da N. Senhora e no seu sopé a fonte do Itororó, em convescotes ou em passeios:

Com o Monte Serrat – santuário da cidade sempre visitado pelo povo. Embaixo fica o Itororó. Como o Monte Serrat, já teve também a sua época de ouro, no tempo em que as fontes de Santos eram procuradas pela população, havia ali um manancial de água límpida e fresca, e gostosa sombra de frondosas árvores. De quando em quando ouvia-se música executada por afinado conjunto musical. Como passavam depressa as horas naqueles tempos! Bons tempos! [35]

FIGURA N.º 4
Pic-nic no Monte Serrat (Novo Milênio)

O jornal *Diário de Santos* noticiava que a Sociedade Musical Luso-Brasileiro realizou no dia 4 de maio de 1897 um passeio musical no Itororó:

Verificou-se no domingo à tarde [às 4 h] o passeio ao Ytororo, annunciado por aquella sociedade.

35 BASTOS TRIGO, 1941: 57.

Esta sociedade, installada há longos annos, tendo soffrido no seu tirocínio, gravíssimos abalos, á ponto quase de dissolver-se, tem felizmente, sabido vencer todas as difficuldades, collocando-se em muito bom estado de progresso.

As peças exhibidas nessa tarde foram perfeitamente executadas por esses moços que nas suas horas vagas se teem dedicado a cultura da música.

De volta ao Itororo, dirigiram-se ao Largo da Coroação e ahi tomando lugar no coreto, fizeram-se ouvir, tocando diversos pedaços do Trovador.

Achando-se hoje esse local em condições de ahi encontrar a população, algumas horas de distração,seria muito agradável que nos dias santificados fosse esse Largo visitado por algumas dessas sociedades musicais que existem actualmente entre nós.

Desejamos que o exemplo que acaba de dar a sociedade Luso Brasileira, seja imitado por suas irmãs [36].

As bandas musicais eram instituições que se multiplicavam tanto na Europa como em Santos. Os portugueses também tiveram um grupo musical famoso, que se apresentava em solenidades ou em convescotes de praça pública. Era a Sociedade Musical Luzo Brasileira, a mais conhecida.

O morro da Nova Cintra, preferido dos portugueses, no final do século XIX é local para diversão. O jornal anuncia que nos sábados e domingos haveria grande quermesse, com jogos de sorte, fonógrafo e Cosmorama com vistas das principais cidades da Europa e da América [37].

Os teatros, que não foram muitos em Santos, eram fundamentais para os diversos tipos de lazer. A cidade possuía diversas sociedades culturais amadoras que reuniam pessoas com interesses artísticos literários, teatrais e musicais: o Grêmio Artur de Azevedo (fundado em 1890), o Grêmio Dramático Júlio Azevedo (dirigido José Andrade do Sacramento Macuco), o Clube Literário Xavier da Silveira (que deixou de existir em 1880). Os portugueses participavam da Banda Musical Luso Brasileira.

O mais antigo foi o do Largo da Coroação ou da Misericórdia (atual Praça Mauá), esquina da Travessa do Teatro (hoje r. Riachuelo).

36 No dia 4 de maio, à p.2 e à p.3 havia notícia e anúncio do convite, assinado pelo secretário J.B. de Oliveira: "[...] Pretende esta sociedade fazer hoje às 4 horas da tarde um passeio no Itororó". Ver *Diário de Santos*, de 4/5/1897, p. 2.

37 *Diário de Santos*, de 8/2/1900.

FIGURA N.º 5
O primeiro monumento é o Chafariz; o Teatro é o último (Novo Milênio)

Em prédio construído no XVIII, existente pelo menos desde 1830, reformado em 1854 e passando por alguns proprietários, esse pequeno teatro funcionou até 1879, quando se transformou em armazém de café. Grandes espetáculos eram realizados. Muitas companhias teatrais, de passagem para São Paulo, faziam ali alguma apresentação. Durante a sua existência foram passaram textos de Gil Vicente, Garrett, Gomes Leal, Gonçalves Magalhães, Martim Penna, Dumas, Scrie entre outros; as audições de piano e até sessões carnavalescas (*Bal Masqué)*.

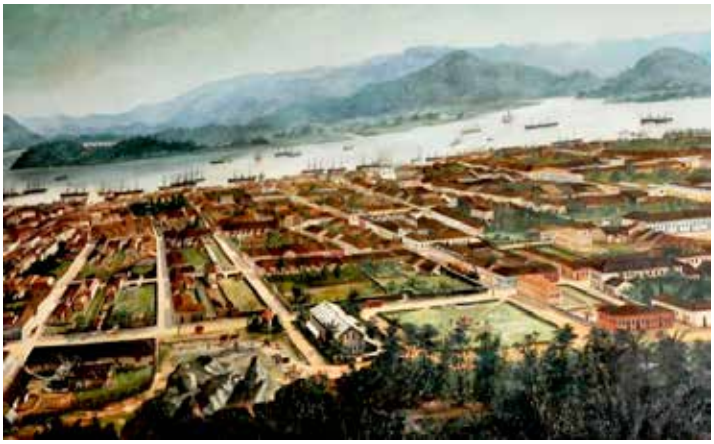
Aí a Sociedade Portuguesa de Beneficência realizou em 20 de setembro de 1872, com numerosa assistência, para arrecadar fundos para a construção do Hospital, um Festival de prendas. Após o leilão, o poeta santista Silveirinha (Xavier da Silveira, advogado e abolicionista) declamou, sob aplausos emocionados, a poesia Festa da Caridade. O espetáculo terminou pelas 24 horas com a apresentação da Cia. de Comédias de José Antonio Cabral [38].

38 FRANCO, 1951: 116-118.

FIGURA N.º 6
Benedito Calixto – 150 anos (editado em 2003 pela
Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto, Santos/SP)

O Skating Rink foi o segundo teatro de Santos. Localizava-se à rua São Francisco, esquina do Largo do Itororó (hoje, Praça Correia de Melo), em frente à atual Rua D.Pedro II, inaugurado em 1879, serviu como local de espetáculos até dezembro de 1889. Apresentava as mais variadas diversões: patinação, bailes, teatro, corrida de touro, espetáculos circenses.

FIGURA N.º 7
Rink – construção acompanhada de um grande terreno (Benedicto Calixto)



Chegou a fazer às vezes de Enfermaria em epidemias e Hospedaria, nas necessidades emergentes de abrigar imigrantes. "O dr. Antonio Tourinho, médico da Imigração, encontrou cerca de 40 crianças no Teatro Rink, convertido em hospedaria de Imigrantes, atacadas de sarampo" [39].

O Rink era um casarão de madeira e zinco. Uma de suas atrações populares eram os espetáculos de ginástica, de circo de cavalinhos que enchiam suas dependências. Essas atividades já estavam se desenvolvendo em Portugal, segundo Ramalho Ortigão [40].

"Passemos ao Rink transformado em circo de cavalinhos para receber a companhia eqüestre dos Sr. Sampaio, na qual vinham duas estrelas, pequenas ainda – Nenê e Marietta – como eximias ginásticas, nos saltos mortais no trapézio e no arame". Em várias apresentações à noite (20,15h), o Rink ficou cheio, agitando a rapaziada santense dividida em dois blocos de torcida, com esses espetáculos antes de maio de 1888.

O gosto pelos espetáculos ginásticos aparecia na cidade. Em 15 de julho de 1880, estreia a Cia. Japoneza no Rink e o público comparece, pois "tem queda muito pronunciada pelo gymnastico" [41], gosto também desenvolvido em Portugal, nessa época, pelo menos nas grandes cidades. Em 7 de setembro de 1887, volta a apresentar-se a Companhia Japonesa de Ch. Comelli.

Santos teve, também, um velódromo. No final da década de 1890, foi construído pela União Sportiva de São Paulo após adquirir, de um grupo de Santos, o Coliseu Santista [42], ainda em obras, localizado em grande terreno (4.808 m²), na esquina das ruas General Câmara e Conselheiro Nébias (próximo ao Clube Eden e ao palacete Aranha, na Vila Nova). O local foi transformado em frontão e velódromo, duas práticas esportivas em grande voga nesse fim de século. Tinha uma pista para ciclistas, duas arquibancadas de madeira e um botequim e sua entrada era pela General Câmara. Frontão era o local do jogo de pelota, muito caro a um grupo de espanhóis. Eles foram o segundo maior grupo de imigração em Santos, ao final do século XIX. As atividades da União Sportiva de São Paulo no local iniciaram-se em 18/7/1897, fechando dois anos depois. Em 1901, reabriu para o jogo da pelota basca, mas faliu nesse ano e os

39 *Diário de Santos*, de 21/3/1893.

40 ORTIGÃO, 1944: 259, 291-293.

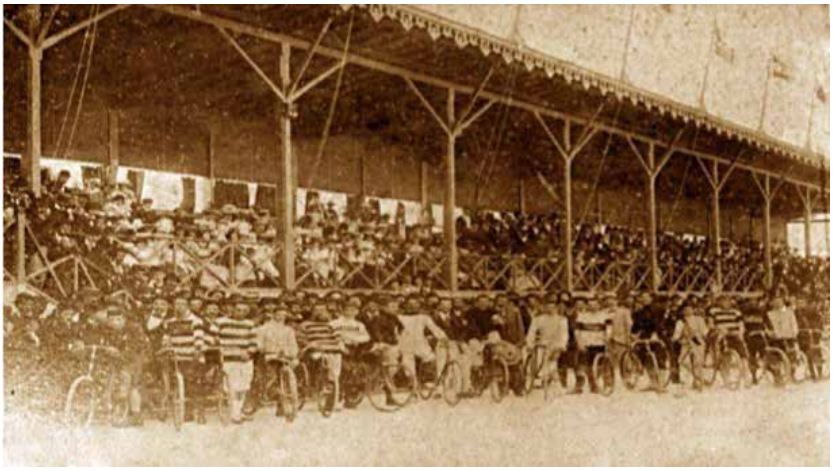
41 *Diário de Santos*, de 15/7/1880.

42 O segundo Coliseu Santista, já na Praça José Bonifácio, foi construído para cine-teatro em 1909 e reformado em 1924, arquitetura conservada nos dias de hoje.

bens foram adquiridos em hasta pública pelo capitalista luso Antonio Ferreira de Carvalho, em 14/8/1903 [43].

A elite realizava também atividades ciclistas na Barra, na Cons. Nébias, aberta e pavimentada, em direção ao Boqueirão, ou no José Menino. Uma proposta de corrida foi anunciada, para o dia 7 de janeiro de 1900, mas não concretizada: "Alguns ciclistas do nosso extinto Colyseu projetam uma grande corrida na praia do José Menino a efetuar-se no próximo domingo. A partida será do hotel Bella Vista e a chegada no Gonzaga [...]" [44].

FIGURA N.º 8
Velódromo de Santos



Outro teatro mais digno desse nome foi o Guarani, inaugurado a 8 de dezembro de 1882, na Praça dos Andradas com Amador Bueno – diante do belo jardim dessa Praça – mais luxuoso, obra do conhecido Manoel Ferreira Garcia Redondo, que teve passagem por Portugal, e com pintura do renomado brasileiro Benedito Calixto. Tornou-se a principal casa de espetáculos de Santos, palco de solenidades abolicionistas e de grandes espetáculos, entre eles em 1886, a da consagrada Sarah Bernhardt, que encenou "A Dama das Camélias". Por ocasião da instalação solene do Centro Português em 1.º dezembro de 1895, com grande festa,,encenou-se no Teatro Guarani à noite "O Drama do Povo", em cinco atos, de autoria do luso Manoel Pinheiro Chagas, da Cia. Isméria dos Santos [45].

43 BANDEIRA JR., 1993: C-7.
44 *Diário de Santos*, de 5/1/1900, p. 1.
45 FRANCO, 1951: 198.

Existiu também o Teatro "Variedades" [46], nessa mesma Praça, sito à rua Leopoldo, esquina na travessa de XV de Novembro, lado esquerdo, construído pela firma Manoel Teixeira de Souza & Cia. Inaugurou com a comédia lusitana de Eduardo Garrido "Mosquitos por corda", em dezembro de 1899. Vendido, em 1902, passou para o gênero dos cafés concertos que havia nas cidades européias, no Rio de Janeiro e até em São Paulo, portanto mais ligado a uma elite.

A existência de distrações em teatro aparece com frequência nos noticiários do jornal.

No dia 4 de julho de 1880 estava anunciada a grande *zarzuela* Maggiares, dividida em quatro atos, dirigida por Nicanor Martin. A *zarzuela* era um tipo de ópera espanhola caracterizada por diálogos e temas satíricos.

As entradas variavam de preço, desde 15$000, o camarote, cadeiras 3$ galerias; cadeiras 3 e 2$000 e Gerais, 1$000. Em 6 de julho anuncia-se a última assinatura da Companhia de Zarzuelas, com a apresentação de "Gallinas Ciegas" e "L´hombre es debile" [47].

Houve também espetáculos com touros. Estava programada para domingo, 20 de fevereiro de 1880, em "local reformado e aumentado para esse espetáculo" à rua Amador Bueno, canto da Brás Cubas, a 2.ª corrida de touros pela Cia. de Toureiros Portugueses. O jornal noticiava que o gado já se encontrava no Casqueiro (arredores de Santos, próximo ao Cubatão), "que é todo de muito pé" [48].

As touradas, tão caras aos ibéricos, puderam existir até 1883, quando são impedidas no art. 121.º, e de 1897, no art. 191.º: "São expressamente prohibidos o espetáculo denominado touradas, a exposição de Judas em sabbado de alleluia e o jogo de entrudo".

No final de Oitocentos os portugueses fundaram o Clube Atlético Lusitano, para praticar o futebol amador e existiu até 1930. Os seus dirigentes reuniam-se no Armazém Coração de Jesus,na rua Bittencourt, com a Constituição. Sem campo próprio, as disputas de seus jogos davam-se nas dependências do Docas de Santos [49].

Havia grandes festividades em praças públicas: procissões, eventos comemorativos ou grandes acontecimentos. Alguns estão com destaque pela imprensa, como os do fim da Guerra do Paraguai, os da Abolição da Escravatura

46 Desapareceu em 1903. Há divergências entre os historiadores sobre essa instituição.

47 *Diário de Santos*, de 4/7/1880 e 6/7/1880.

48 *Diário de Santos*, de 17/2/1880, p. 3.

49 PAUL, 1986: 54.

em 13 de maio de 1888; o das comemorações do 4.º Centenário do Descobrimento do Brasil (1900); os dos santos padroeiros.

Os festejos populares da passagem para o ano de 1900 foram relatados por Jaime Franco [50]. Iniciados em frente à Igreja Matriz, entre grupos (onde se fazia a cerimônia da adoração do Santíssimo Sacramento), na Praça da República, catalogou-os de ruidosos:

> [...] à meia noite em ponto, queimaram-se muitas girândolas, entre gritos de entusiasmo do povo, em massa compacta que transbordava pelas ruas adjacentes, enquanto os navios, no Porto, apitavam em desespero, os sinos das Igrejas repicavam e a banda dos bombeiros rompia em acordes marciais, pelas ruas do centro urbano, em visita às autoridades e á imprensa. Os edifícios do Clube XV, da Sociedade Humanitária, do Eden Clube, Alfândega, Recebedoria de Rendas, Câmara Municipal, Igreja Matriz, muitas casas particulares ostentavam bandeiras e tinham as fachadas com iluminações, por inúmeros bicos de gás. [...] E só alta madrugada, o povo dispersou satisfeito por ter comemorado o Ano Novo, na esperança de novos dias que os do século findo, fartos de peste, fome, guerra, injustiças".

Como amostra significativa da exuberância das festividades populares desenvolvidas, a festa em regozijo à chegada da fragata portuguesa Adamastor é uma mistura de aspectos elitistas e populares. A grandiosidade revela a existência, de um lado, de comerciantes ricos, e de outro a grande presença da população lusa mais pobre.

Em dezembro de 1898, Santos recebeu a visita do vaso de guerra da armada portuguesa Adamastor, esse "pedaço flutuante da pátria portuguesa". Para os preparativos da recepção, houve a suspensão das lutas associativas que acirravam os ânimos dos sócios da Sociedade de Beneficência Portuguesa. Na manhã do dia 2, o cruzador fundeou diante da Ilha das Palmas, entrada da Barra, com uma salva de 21 tiros.

A cidade amanheceu com as ruas ornamentadas de galhardetes e folhagens, com o ar festivo dos grandes dias de feriado nacional. O povo aglomerou-se no

50 FRANCO, 1951: 235-236.

cais em frente à Alfândega, desde madrugada, para assistir ao cortejo fluvial dos rebocadores, lanchas, batelões, canoas, enfeitadas com bandeirolas azuis, verdes, brancas e amarelas. As comissões dos festejos, os convidados, duas bandas de música, a Colonial Portuguesa [fundada em 1896] e a Sociedade Humanitária [em 1894], embarcaram, perto da Guarda-Moria. Pouco depois, rumaram em direção à Barra Grande, ao encontro do 'Adamastor' [...]. Nas praias, milhares de pessoas agitavam-se, procurando divisar o navio de guerra português [51].

Depois da banda do Adamastor ter tocado o hino da Carta, o navio foi se movimentando no mar, ouvindo-se da praia "os acordes estridentes e ribombantes das duas bandas de música, em meio de constantes vivas e algazarras". Fundeando a seguir, com uma tripulação de 244 pessoas, no porto na direção do Hospital da Beneficência Portuguesa todo enfeitado, encontraram-se as autoridades da cidade com o alto comando do navio. Na praia (na região do cais) "entre a Beneficência e o mar, mais de 4000 pessoas contemplavam embevecidamente o navio de guerra português", que à noite ficou todo iluminado eletricamente. Foi oferecido um jantar aos oficiais na "bela residência" do Comendador João Manuel Alfaia Rodrigues, com a presença de um seleto grupo de pessoas. No dia seguinte (3 de dezembro), o Comandante Ferreira do Amaral e seus oficiais, "vieram à terra, tomaram três carruagens e dirigiram-se à Estação de Itororó", onde embarcaram de bonde para São Vicente, recebidos solenemente. A seguir a comitiva percorreu as ruas da cidade, "entre o entusiasmo do povo, que atirava flores e confeitos" e nova recepção.

Saindo de São Vicente pelas praias desertas, chegaram ao Recreio Miramar, centro de diversões e convescotes no Boqueirão, completamente enfeitado, para um banquete de cem talheres, oferecido pela Colônia Portuguesa de Santos e o Alto comércio do café à oficialidade, entre brindes e agradecimentos.

A festa continuou à noite com um sarau, no Teatro Guarani, enfeitado com folhagens e flores, com balões venezianos multicoloridos, embandeirado e iluminado com bicos de gás. Nas imediações, "densa multidão de curiosos esperava a chegada dos oficiais e marinheiros portugueses, muito antes do início" do espetáculo. Apresentaram-se pequeno entreato por artistas amadores; poesias e a seguir a comédia "Timidez" de Cornélio Guerra (de Eduardo Garrido), terminando com o discurso do Vice-cônsul dr. Cunha e Costa. Enquanto falava, ao fundo uma grande tela cenográfica descia lentamente mostrando o Adamastor

51 FRANCO, 1951: 205.

fundeado. Apresentavam-se dois marinheiros, um de cada pátria, com suas respectivas bandeiras, apertavam-se as mãos fraternalmente, e os participantes do sarau, encerrando o evento com os hinos nacionais.

No dia seguinte, domingo 4 de dezembro de 1898, depois do meio dia, os oficiais, voltaram a terra para visitas às instituições lusas pomposamente organizadas: a Sociedade Beneficência Portuguesa e seu hospital; ao Centro Português e à Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos, onde a presença portuguesa era marcante, visitando a sua

> "esplêndida Biblioteca e gabinete de leitura. Daqui, apressaram-se s tomsr bondes especiais em direção à Ponta da Praia de Embaré [arrabalde], para assistir ainda a várias competições de remo pelo Clube de Regatas Santista, em cujo trajeto gastaram quarenta minutos e donde voltaram às sete horas da noite, depois de brilhante recepção, no meio de fraternal alegria" [52].

À noite, sem o Comandante, os oficiais do "Adamastor" juntamente com vários intelectuais e jornalistas, realizaram, no Hotel Internacional, na praia do José Menino, no Hotel Internacional, um jantar dançante e literário, encerrando-se as festivas homenagens.

Em todas as solenidades houve a apresentação das bandas musicais, destacando-se a Colonial Portuguesa e a da Humanitária.

A semana seguinte foi marcada por viagem e visitas à capital paulista, através da Estrada de Ferro São Paulo Railway, aí permanecendo até o início do domingo, dia 11 de junho, quando a oficialidade voltou a Santos. Um último evento foi realizado com os marinheiros do "Adamastor" e do Aviso de Guerra brasileiro "Trindade":

Nesse domingo à tarde os marinheiros dos dois navios de guerra desembarcaram de lancha no cais em frente à Alfândega. Na Praça da República, povo e marinheiros, levando a banda da Colonial Portuguesa e muitas bandeiras de Portugal e Brasil e estandartes onde se liam os nomes das províncias portuguesas – Alentejo, Trás-os-Montes, Douro, Beira-Baixa, Minho, Extremadura, Beira-Alta, Algarve – formaram enorme préstito com mais de seis mil pessoas, seguindo pela Rua 15 de Novembro, Rua Santo Antônio e General Câmara até o Coliseu Santista na esquina

52 FRANCO, 1951: 211.

da Rua da Palha [Amador Bueno], onde formaram gigantesca mesa em forma de H, começando o banquete às quatro horas da tarde, sob intensa alegria e na mais completa confraternização luso-brasileira [53].

Na segunda-feira o "Adamastor" zarpou, deixando a cidade de volta ao seu cotidiano às suas mazelas e às suas esperanças.

As diversões de carnaval eram normatizadas e era proibido o entrudo, ou seja, a arrebentação das laranjinhas nas pessoas. O entrudo era uma atração carnavalesca muito desenvolvida no Brasil. Na Bahia, por exemplo,

> "Os incidentes que realizavam a prevenção de "ir brincar o entrudo" não arrefeciam o frenesi das demais famílias que dos sobrados, frente a frente, batiam-se, do povo baixo, que nas praças, nas ruas, nos chafarizes, tatuavam-se de vermelhão e polvilho, despejava bacias d'água, e ria a mais não poder, vendo saltar da gamela que se entornava, o vizinho ou o desconhecido, recrutado de improviso para o banho" [54].

A análise dos Códigos de Posturas é modo de conhecer e verificar os costumes e as diversões de uma cidade numa determinada época. Santos, no século XIX, teve vários códigos (1847, 1857, 1870, 1883,1897).

O fato de a proibição do entrudo aparecer nas várias legislações significa que essa brincadeira era querida e a lei não, respeitada: "Fica igualmente proibido o brinquedo publicamente do entrudo nas ruas, travessas, largos e pateos (1847, art. 49.º); "É igualmente proibido o brinquedo público de entrudo "(art. 50.º, 1857; art. 81.º, 1870). Fica proibido o jogo do entrudo (art. 123.º, 1883)".

Um incidente com a prática do entrudo em cima de um português importante foi parar na polícia: Lino José de Matos, natural de Chaves que foi vice-cônsul em Santos e presidente da Sociedade de Beneficência Portuguesa. Quando ele tinha 26 anos,

> "sentado à porta de sua residência às 8 e meia da noite do dia 7 de março de 1886, foi vítima de tentativa de entrudo: Bernardo dos Santos Porto, brasileiro, natural de São Sebastião, 32 anos, solteiro,

53 FRANCO, 1951: 211.

54 MORAIS FILHO, 2002: 120.

> empregado do Correios, ia molhá-lo com uma caçamba de água e, ao pedir que não fizesse isso, o "carnavalesco" chamou-o de "galego, corno e bêbado" [55].

O Código de Posturas de 1897 envolvia no mesmo artigo outras proibições: "Art. 191.º: "São expressamente proibidos o espetáculo denominado touradas, a exposição de Judas em sabbado de alleluia e o jogo de entrudo".

Também fora dos três dias de folia era proibido "andar mascarado pelas ruas, praças e outros locais públicos e arrabaldes" (1870, art. 192.º).

Os fogos, como se pode perceber, nos eventos já aqui mostrados, eram muito utilizados, porém, com ordenamento. Nas apreciadas festas juninas, não se podia "fazer fogueiras nas ruas. Tiros, foguetes são possíveis somente nos pátios das Igrejas, nas vésperas de Santo Antonio, São João e São Pedro" (Cód. 1870, art. 62.º). No Código de 1854, já havia esse tipo de limitação: "É prohibido ainda mesmo em dias festivos o fogo solto denominado buscapés". O perigo de incêndio era muito grande.

Os jogos de azar foram sempre proibidos: por exemplo, no Código de 1870: Proibição dos jogos públicos de cartas ["vermelhinhas"], dados ou cartões (art. 65.º). Em 1883, o Código anunciava que era proibido manter casas de jogo

> "em casas publicas de tabolagem, todos os jogos de parada, aposta ou azar, por meio de cartas, dados, buzios, roletas, cujo dono, locatario ou empresario aufira dos jogadores qualquer interesse; bem como o que tiver lugar nos hoteis, botequins, casas de bailes, barracas, armazens, tavernas, depositos ou fábricas de cerveja, cortiços, mercados ou quaisquer reuniões publicas e lugares que no mesmo caso estão. É proibido jogando nas ruas, praças e mais lugares publicos, bem como em corredores, adros de egreja".

Concluindo, os portugueses, como integrantes da população santista, tinham momentos ou oportunidades de diversões, sejam eles ricos ou pequenos comerciantes ou pessoas "miúdas", conforme as possibilidades econômicas.

55 ROSEMBERG, 2006: 35.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

Almanach Litterario de São Paulo para o anno 1885 (LISBOA, José Maria). São Paulo:Typographia da "Provincia de S.Paulo", 1884.

ALVARO, Guilherme, 1919 – *A Campanha Sanitária de Santos: suas causas e efeitos*. São Paulo: Casa Duprat.

CÂMARA DE SANTOS: Códigos de Postura de 1847, 1857,1870, 1883 e 1897.

D'ALINCOURT, Luiz, 1953 – *Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá (1918)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1953; São Paulo: Martins, 1953.

DIÁRIO de Santos, 1880-1900.

LALLEMANT, Robert Avé, 1980 – *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo***.** Belo Horizonte; São Paulo**:** Itatiaia/USP).

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA JR., 1993 – "Nosso primeiro teatro". *A Tribuna*. Santos.

BASTOS TRIGO, 1941 – *Minha cidade*.

CARMO, Bruno Bortoloto, 2010 – *Entre práticas e representações: um estudo de caso do Código de Posturas de Santos (1857).* Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) Universidade Católica de Santos.

FRANCO. Jaime, 1951 – *A Beneficência*. Santos.

MELO MORAIS FILHO, 2002 – *Festas e Tradições populares do Brasil*. Brasília: Senado Federal.

PAUL, Clotilde, 1986 – *Associações Portuguesas da Baixada Santista*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. Centro de Estudos.

PEDRO, Carina Marcondes Ferreira, 2010 – *Casas importadoras de Santos e seus agentes: comercio e cultura material (1870-1900)***.** Dissertação de Mestrado (História) Universidade de São Paulo.

RAMALHO ORTIGÃO, 1944 – *As farpas*. Lisboa: Clássica Editora, v. VIII.

ROSEMBERG, André, 2006 – *Ordem e Burla: Processos sociais, escravidão e justiça social em Santos*. São Paulo: Alameda.

SCHICCHI, Maria Cristina, 2008 – "Patrimônio arquitetônico das cidades paulistas: a preservação como questão de urbanismo". *Arquitetura revista*, Unisinos, São Leopoldo, v. 4, n.º 1, p.87-109.

VICTORINO, Carlos, 1904 – *Santos: Reminiscências (1875-1898)*. São Paulo.

GAMBETTA, Wilson Roberto, 1988 – *Soldados da saúde: a forma ção dos Serviços de Saúde Pública em São Paulo (1889-1918)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo.

LEITE. Joaquim da Costa, 2000 – "*O Brasil e a imigração portuguesa*", in FAUSTO, Boris (org.), *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP.